

Marcia Regina Zemella Luccas¹
Brasília Maria Chiari²
Bárbara Niegia Garcia de Goulart³

Descritores

Linguagem
Leitura
Compreensão de leitura
Perda auditiva
Fonoaudiologia
Testes de linguagem

Keywords

Language
Reading
Readability
Hearing loss
Speech, language and hearing sciences
Language tests

Endereço para correspondência:

Marcia Regina Zemella Luccas
Av. Giovanni Gronchi, 6675/11, Vila
Andrade, São Paulo (SP), Brasil, CEP:
05724-005.
E-mail: marcialuccas@gmail.com

Recebido em: 20/6/2011

Aceito em: 20/4/2012

Compreensão de leitura de alunos surdos na rede regular de ensino

Reading comprehension of deaf students in regular education

RESUMO

Objetivo: Avaliar e comparar a compreensão de leitura de alunos deficientes auditivos incluídos nas classes regulares de escolas públicas com e sem apoio pedagógico especializado. **Métodos:** Trata-se de estudo observacional analítico com 35 alunos com perda auditiva neurossensorial, com e sem apoio pedagógico (Sala Apoio e Acompanhamento à Inclusão – SAAI). Todos foram submetidos ao Teste de Competência de Leitura de Palavras (TCLP), Teste de Nomeação de Figuras por Escolha de Palavras (TFN) e Teste de Competência de Leitura de Sentenças (TCLS). **Resultados:** Nos testes relativos à compreensão de palavras (TCLP e TFN), os resultados estatísticos não apontaram diferença no desempenho dos alunos deficientes auditivos que frequentam e não frequentam apoio. Em relação à compreensão de leitura de sentenças, a aplicação do TCLS também não mostrou diferença entre os grupos de alunos deficientes auditivos. Houve correlação significativa entre idade e série, indicando que quanto mais velho e maior o nível de escolaridade do aluno melhor será seu desempenho na leitura de sentenças. Os resultados apontam que alunos deficientes auditivos, independentemente da frequência ao apoio (SAAI), leem melhor palavras do que sentenças. **Conclusão:** Não há diferença na compreensão de leitura entre os alunos deficientes auditivos que recebem e não recebem acompanhamento pedagógico especializado.

ABSTRACT

Purpose: To evaluate and compare the reading comprehension of deaf students included in regular classrooms of public schools with and without specialized educational support. **Methods:** Observational analytic study with 35 students with sensorineural hearing loss, with and without educational support. All subjects were assessed with the Word Reading Competence Test (WRCT), the Picture-Print Matching Test by Choice (PPMT-C), and the Sentence Reading Comprehension Test (SRCT). **Results:** In the tests regarding comprehension of words (WRCT and PPMT-C), the results showed no difference in the performance of deaf students who attend and do not attend educational support. Regarding reading comprehension of sentences, the application of the SRCT also did not show differences between the groups of deaf students. A significant correlation was found between age and grade, indicating that the older the students and the higher their educational level, the better their performance in reading sentences. The results indicate that deaf students, regardless of attending educational support, read words better than sentences. **Conclusion:** There is no difference in reading comprehension between deaf students who receive and do not receive specialized pedagogical monitoring.

Trabalho realizado no Departamento de Fonoaudiologia, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – São Paulo (SP), Brasil.

(1) Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Distúrbios da Comunicação, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – São Paulo (SP), Brasil.

(2) Departamento de Fonoaudiologia, Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP – São Paulo (SP), Brasil.

(3) Curso de Fonoaudiologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – São Paulo (SP), Brasil.

Conflito de interesses: Não

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são objetivos básicos da instituição escolar. Neste ambiente, deve ser desenvolvida a capacidade de aprender, cujos meios básicos são o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, conforme indicado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96).

Ler é atribuir significado. A leitura é um processo de interação entre leitor, texto e autor⁽¹⁾. A compreensão de um texto implica fazer conexões entre as ideias expressas e um conhecimento relevante anteriormente adquirido, dentre os quais se destacam o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo^(1,2).

Para que haja desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita é necessário um extenso aprendizado. Quando nos reportarmos à aprendizagem do aluno com deficiência auditiva essa trajetória pode ser ainda mais complexa, pois eles possuem privação sensorial que pode estar associada ao atraso de aquisição e desenvolvimento da linguagem^(3,4).

Contudo, a legislação brasileira (Lei 9494/96, Resolução CNE/CEB 2/2001 e Resolução 10/2010) aponta para a inclusão de todos os alunos na rede regular de ensino. Assim, os deficientes auditivos também devem frequentar a escola de ensino regular.

Entretanto, estudos na área da educação demonstram que, mesmo após longo período de escolarização, pessoas com deficiência auditiva apresentam dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita^(5,6), o que suscita questionamentos em relação a organização dos serviços de suporte, bem como disponibilidade de profissionais especializados para as novas demandas que surgem com o acesso universal ao ensino regular^(5,6).

Este estudo teve o objetivo avaliar e comparar a compreensão de leitura de alunos deficientes auditivos (DA) inclusos nas classes regulares de escolas públicas, com e sem apoio pedagógico especializado (Sala Apoio e Acompanhamento à Inclusão – SAAI).

MÉTODOS

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo sob o protocolo número 1991/09. Para a realização das avaliações de leitura, a Diretoria Regional de Educação do município foi contatada e, após autorização, foi feita apresentação dos objetivos e metodologia do estudo para os alunos matriculados nas turmas elegíveis para o estudo. Além disso, foram assinados pelos pais e/ou responsáveis os Termos de Consentimento Livre Esclarecido para a posterior realização das avaliações de leitura.

A partir da análise dos dados dos alunos matriculados em escolas municipais da região sul de São Paulo, foram identificados 115 alunos deficientes auditivos inclusos, dos quais 65 estavam matriculados no ensino fundamental e distribuídos em 35 diferentes unidades escolares. O grupo de alunos efetivamente pesquisado foi constituído por 35 alunos com deficiência auditiva e 71 alunos ouvintes, ambos frequentadores das mesmas classes, para fins de controle (grupo parâmetro).

Foram considerados para inclusão no estudo: ocorrência de perda auditiva bilateral de qualquer grau comprovada por

audiometria (obtida nos arquivos das unidades escolares), e ausência de comprometimento neurológico e/ou psiquiátrico previamente identificados.

Os alunos com deficiência auditiva foram separados em dois grupos. O primeiro foi composto por 16 sujeitos que frequentam Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão (SAAI) e o segundo por 19 participantes que não frequentam sala de apoio.

Dos alunos que frequentavam a sala de apoio (SAAI), oito (50,0%) estavam no primeiro ciclo do ensino fundamental e oito (50%) no segundo ciclo. Dos alunos que não frequentam SAAI, oito (42,8%) estavam no ciclo I e 11 (57,9%) no ensino fundamental II.

Os dados referentes a histórico da perda auditiva, saúde geral do aluno, tipo de comunicação predominante, histórico de uso de AASI (aparelho de amplificação sonora individual), histórico de atendimento fonoaudiológico e do histórico de atividade em Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão (SAAI) foram coletados a partir dos registros das unidades escolares.

Em relação aos tipos de perda auditiva, no grupo que frequentava a SAAI, sete (43,7%) possuíam perda auditiva moderada, seis (37,5%) perda severa e três (18,7%) perda profunda. No grupo que não frequentava a SAAI, cinco (23,5%) apresentavam perda auditiva leve, três (15,7%) perda moderada, cinco (26,3%) perda severa e seis (31,5%) perda profunda. Somente dois (5,7%) dos alunos com deficiência auditiva faziam atendimento fonoaudiológico e apenas quatro (11,4%) utilizavam aparelho retro auricular unilateral e três (8,5%) aparelho retro auricular bilateral.

Os alunos ouvintes foram considerados na pesquisa, pois o que pudemos observar nas escolas pesquisadas é que os alunos deficientes auditivos são apresentados ao conteúdo sem adaptações. Portanto, foi necessário observar se os alunos ouvintes estavam aprendendo os conteúdos de forma diferenciada. Foram selecionados alunos ouvintes na proporção de 2:1 para fins de parâmetro, selecionados nas classes onde os alunos deficientes auditivos estudavam. Foram excluídos os alunos ouvintes com histórico de dificuldades de aprendizagem ou outro tipo de deficiência.

Todos os alunos foram submetidos a três instrumentos desenvolvidos e validados para o Português Brasileiro com crianças surdas e ouvintes, tendo como referencial teórico o processamento da informação⁽⁷⁻⁹⁾:

- Teste de Competência de Leitura de Palavras (TCLP): avalia o grau de desenvolvimento de leitura silenciosa em alunos no ensino fundamental. O teste permite observar se os alunos conseguem discriminar corretamente entre palavras e não palavras⁽⁷⁾.
- Teste de Nomeação de Figuras por Escolha de Palavras Escritas (TNF): avalia o desenvolvimento da habilidade de nomear figuras por meio da escolha de palavras escritas. O teste é composto por 36 itens, sendo que cada um possui uma figura modelo ladeada por quatro palavras escritas para alternativas de escolha. Essas quatro alternativas consistem em uma palavra alvo que corresponde à imagem e três palavras distraidoras, que induzem ao erro de leitura (paralexia). O escore máximo do teste é de 36 pontos sendo um ponto atribuído para cada correlação correta⁽⁸⁾.

- Teste de Compreensão de Leitura de Sentenças (TCLS): avalia o desenvolvimento da habilidade de extrair o significado de sentenças de complexidade variável. É composto por 40 itens, cada um deles organizado com uma sentença e cinco figuras alternativas, sendo que uma delas corresponde ao significado da sentença. As outras quatro figuras são distraidoras, isto é, referem-se a figuras isoladas ou a segmentos menores da sentença. A função das figuras distraidoras é induzir ao erro decorrente da leitura e da compreensão incompleta do significado e, assim, permitir a detecção de insuficiência no processamento sintático. Para a avaliação do desempenho no teste cada sentença respondida corretamente vale um ponto, sendo a pontuação máxima 40 pontos⁽⁹⁾.

Os instrumentos foram apresentados previamente aos alunos, oralmente e em grupo para os ouvintes, individualmente para os alunos surdos que utilizavam a língua oral e por LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) para os alunos deficientes auditivos que a usavam em sua comunicação.

Todos os instrumentos utilizados possuem uma etapa de treino, a qual foi executada com cada grupo de alunos antes

do início da avaliação de leitura para familiarização com o instrumento, conforme preconizado pelo autor⁽⁷⁻⁹⁾. A aplicação dos testes aconteceu na sala de aula ou na sala de leitura da escola, sendo que os alunos foram acomodados em carteiras individuais.

Todos os dados coletados foram transcritos para um banco de dados constituído no Excel. Foram tabuladas a frequência das variáveis pesquisadas e associações, quando pertinentes, bem como média, mediana e desvio-padrão. A análise estatística foi realizada por meio dos testes Correlação de Spearman, Kruskal-Wallis, e Mann-Whitney. O nível de significância foi definido em 0,05 (5%) e os intervalos de confiança construídos ao longo do trabalho foram de 95%.

RESULTADOS

Foi realizada a caracterização dos alunos (Tabela 1).

Foram obtidos os dados referentes ao desempenho dos alunos deficientes auditivos segundo a frequência na sala de apoio (SAAI) e do grupo parâmetro (ouvintes) nos testes TCLP, TNF e TCLS (Tabela 2). Não houve diferença entre o

Tabela 1. Caracterização dos alunos surdos estudados com relação à perda auditiva, tipo e modo de comunicação, uso do AASI, histórico de fonoterapia, ano do ciclo e atendimento em SAAI

	Grau de perda auditiva							
	Leve		Moderada		Severa		Profunda	
	n	%	n	%	n	%	n	%
	4	11,4	6	17,1	11	31,4	14	40
Tipo de comunicação								
Oral	4	100	6	100	6	54,5	-	-
Oral/gestual	-	-	-	-	5	45,5	10	71,4
Libras	-	-	-	-	-	-	4	28,6
Usa AASI								
Não	3	75	6	100	11	100	8	57,2
Unilateral	1	25	-	-	-	-	3	21,4
Bilateral (ou binaural)	-	-	-	-	-	-	3	21,4
Faz terapia fonoaudiológica								
Não	4	100	6	100	11	100	12	85,7
Sim	-	-	-	-	-	-	2	14,3
Frequente SAAI	0	0	5	83,3	5	50	6	42,8
Anos do ciclo								
Alunos do ciclo I								
2º, 3º, 4º	-	-	5	83,3	2	12,5	1	6,25
Alunos do ciclo II								
5º, 6º, 7º	-	-	2	12,5	4	25	2	12,5
Alunos sem SAAI								
Alunos do ciclo I								
2º, 3º, 4º	2	10,5	-	-	2	10,5	4	21,0
Alunos do ciclo II								
5º, 6º, 7º	3	15,7	3	15,7	3	15,7	2	10,5

Legenda: AASI = aparelho de amplificação sonora individual; SAAI = Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão

Tabela 2. Comparação de grupos para percentual de acerto nos testes de competência de leitura

Teste	Média	Mediana	DP	n	IC	Valor de p
TCLP						
DA com apoio	70,7	74,3	17,9	16	8,8	
DA sem apoio	67,2	75,7	25,4	19	11,4	<0,001*
Referência (grupo controle)	84,5	90,0	15,9	71	3,7	
TFN						
DA com apoio	76,0	86,1	24,9	16	12,2	
DA sem apoio	70,5	94,4	33,4	19	15,0	<0,001*
Referência (grupo controle)	91,6	97,2	16,3	71	3,8	
TCLS						
DA com apoio	34,7	28,8	31,3	16	15,3	
DA sem apoio	49,7	40,0	37,5	19	16,9	<0,001*
Referência (grupo controle)	75,7	90,0	32,3	71	7,5	

* Valores significativos ($p \leq 0,05$) – Teste de Kruskal-Wallis

Legenda: DP = desvio-padrão; TCLP = Teste de Competência de Leitura de Palavras; TNF = Teste de Nomeação de Figuras; TCLS = Teste de Competência de Leitura de Sentenças; DA com apoio = alunos deficientes auditivos que frequentam SAAI; DA sem apoio = alunos deficientes auditivos que não frequentam SAAI; SAAI = Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão

Tabela 3. Correlação entre série (ano do ciclo), idade e competência de leitura em deficientes auditivos

Deficientes auditivos		Série	Idade	TFN	TCLP
Idade	Corr	76,2%	-	-	-
	Valor de p	<0,001*	-	-	-
TFN	Corr	44,6%	3,8%	-	-
	Valor de p	0,007*	0,827	-	-
TCLP	Corr	55,2%	17,6%	83,6%	-
	Valor de p	0,001*	0,312	<0,001*	-
TCLS	Corr	54,2%	18,0%	54,2%	64,8%
	Valor de p	0,001*	0,301	0,001*	<0,001*

* Valores significativos ($p \leq 0,05$) – Teste de Correlação de Spearman

Legenda: TCLP = Teste de Competência de Leitura de Palavras; TFN = Teste de Nomeação de Figuras; TCLS = Teste de Competência de Leitura de Sentenças.

percentual de acertos dos grupos de alunos deficientes auditivos que frequentam ou não a sala de apoio.

A análise de correlação mostrou que quanto maior idade e a escolaridade do aluno, melhor a sua performance nos testes TCLP, TNF e TCLS (Tabela 3).

DISCUSSÃO

Os dados inicialmente levantados para delimitar a população do estudo (deficientes auditivos regularmente matriculados em escolas municipais) apontam dificuldade da instituição escolar para registrar e identificar os alunos com os quais trabalha. Estes aspectos possivelmente desfavorecem ações no sentido de oportunizar suporte qualificado para as especificidades inerentes à deficiência auditiva e possíveis dificuldades inerentes a esta privação sensorial para o aprendizado escolar, e efetiva integração da criança junto à comunidade escolar^(10,11).

Quanto às características da população estudada, merece destaque a predominância da comunicação oral, seguida da comunicação oral associada a gestos indicativos. Além disso,

apesar de a comunicação oral ser a principal forma de expressão, somente um pequeno percentual desses alunos utilizava AASI e a maioria dos alunos não estava em acompanhamento fonoaudiológico. Este aspecto é relevante quando se considera dificuldade significativa na compreensão dos conteúdos apresentados na escola, visto que as aulas priorizam a comunicação oral para o ensino dos conteúdos curriculares^(10,12-17).

Além disso, diversos autores advogam no sentido de que o deficiente auditivo deve ter acesso precoce à língua de sinais e, para que sua comunicação se torne efetiva, é necessário que todos – familiares, educadores e colegas – estejam motivados para utilizar a mesma língua⁽¹⁾. Na ausência da fluência necessária para comunicação da criança deficiente auditiva na escola, o professor enfrentará mais obstáculos para oportunizar a alfabetização e o aluno ficará impossibilitado de desenvolver a aquisição das habilidades de leitura e escrita, o que pode comprometer seu desenvolvimento linguístico, educacional e, por conseguinte, profissional⁽¹⁵⁾.

A legislação vigente, federal ou municipal, aponta a Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão (SAAI) como espaço

fundamental para o trabalho pedagógico mais específico e direcionado ao aluno deficiente auditivo, visto que nele é possível dirimir as dúvidas e aprofundar os conhecimentos, seja em LIBRAS, seja usando a comunicação oral⁽¹⁸⁾. Da população estudada, menos da metade dos alunos atendidos na classe regular que possuem deficiência auditiva frequentavam a SAAI, aspecto que pode estar relacionado à escassez de recursos humanos especializados, de vagas para este tipo de atendimento (falta de acesso), ou mesmo falha na seleção e indicação deste tipo de atividade aos alunos incluídos na rede regular.

Não houve diferença nos testes de compreensão de leitura entre os grupos de alunos que frequentavam ou não a SAAI. Apesar do fato anteriormente apontado, pudemos observar durante a aplicação dos testes que os alunos que frequentavam a sala de apoio (SAAI) possuem maior fluência na comunicação, seja oral ou por LIBRAS, o que também oportuniza que tenham subsídios para compreender frases e textos mais complexos. Este aspecto possivelmente é explicado pelo fato de que a compreensão da leitura exige, entre outros aspectos, a decodificação, o conhecimento de vocabulário, a memória e a inferência^(12,19). Além disso, observa-se que os alunos que não frequentavam SAAI possuem maior dificuldade de compreensão de enunciados mais elaborados.

Merece destaque o achado referente à leitura que demonstra que os alunos deficientes auditivos, independentemente da frequência à SAAI, leem melhor palavras do que sentenças. Esse resultado é indicativo de que a dificuldade de interação comunicativa efetiva entre alunos e professores possivelmente é obstáculo à aprendizagem da língua escrita. Esta afirmativa é corroborada pela relevância da construção de sentidos e da generalização das palavras nos diversos contextos^(11,12), o que não ocorre quando a leitura de palavra por palavra não é possível, como nos testes utilizados neste estudo^(20,21).

Os aspectos ressaltados acima são reafirmados pelos resultados de leitura superiores dos alunos ouvintes com escolaridade semelhante a dos deficientes auditivos submetidos aos mesmos instrumentos. Ainda que os alunos ouvintes não tenham acerto total, a aprendizagem por meio da oralidade e sem privação sensorial permite desempenho de leitura satisfatório.

O Teste de Competência de Leitura de Sentenças (TCLS) aponta que tanto os alunos com deficiência auditiva como os alunos ouvintes apresentaram maior dificuldade na compreensão do texto escrito. O resultado está de acordo com estudos que mostram que a decodificação e a compreensão são habilidades necessárias para se compreender um texto escrito. Quando a criança aprende a ler, ela decodifica as palavras, o que não significa que compreende o texto que está sendo lido^(19,22-27).

Na avaliação de compreensão da leitura de sentenças, pudemos observar que os alunos ouvintes e surdos mostram maior habilidade de decodificação, mas não a compreensão dos seus enunciados⁽²⁴⁾. Nesse resultado, há uma correlação diferenciada, pois o fator ano do ciclo interfere no resultado. O Teste de Competência de Leitura de Sentenças avalia o processamento sintático das sentenças, o que exige do aluno habilidades diferenciadas das apresentadas nos testes TFN e TCLP^(9,26).

O desempenho nos testes demonstrou correlação positiva

com a série escolar. O resultado sugere uma disparidade entre a aprendizagem de alunos ouvintes e deficientes auditivos, mesmo que os ouvintes também tenham mostrado fragilidades no processo de leitura.

O dado confirma a posição de alguns autores⁽²⁸⁻³⁰⁾ sobre o fato de que os deficientes auditivos conseguem aprender com relativa facilidade a decodificação de símbolos gráficos, porém, apresentam dificuldades na compreensão do texto em sua estrutura mais profunda. Há uma correlação diferenciada, pois o fator ano do ciclo interfere no resultado^(1,2). A análise referente à correlação idade/ciclo apontou que quanto maior a idade e o nível de escolaridade, melhor será o resultado nos testes⁽²⁶⁾.

Os resultados confirmam que para os testes de leitura de palavras a correlação entre idade e série é menos significativa em relação ao teste de leitura de sentenças⁽²⁶⁾. Este resultado pode ser explicado pela forma como se dá aprendizagem dos alunos, principalmente por meio de palavras soltas^(9,28-30).

Ainda que este estudo traga informações sistematizadas importantes acerca do processo de inclusão escolar e suas repercussões na compreensão de leitura, há limitações relativas à escassez de informações atualizadas e relevantes sobre o aluno na escola, bem como sobre sua vida escolar progressiva e tratamento(s) especializado(s) aos quais foi ou é submetido. Esses aspectos merecem atenção e podem ser modificados a partir da inclusão na rotina da escola de um fluxo que permita que pais e professores atualizem os dados dos alunos sistematicamente. A ficha de saúde padronizada consultada para o estudo e disponível nas escolas do município de São Paulo possui informações vagas e muitos campos não preenchidos, possivelmente em virtude de que as informações costumam ser registradas por funcionários da secretaria da escola, sem conhecimento específico sobre a relevância dos dados que deveriam ser arquivados. Estudo sobre o tema indicou que os professores têm pouca informação sobre esses alunos e relatam que, mesmo quando possuem dados, têm dificuldade de significar as informações sobre os documentos da área médica, ou mesmo de qualificar as informações que lhes são dadas pelas famílias sem a comprovação de nenhum documento⁽²⁷⁾.

A partir das observações formuladas, é possível afirmar que há necessidade de modificações significativas na estrutura do ensino regular para receber e proporcionar educação efetiva aos alunos com deficiência auditiva, conforme apontado em estudos anteriores⁽²⁸⁻³⁰⁾. Potencialmente contribuem para a alteração deste cenário uma formação específica para os professores que atuam diretamente com alunos deficientes auditivos, visando uma modificação da prática pedagógica, e a inclusão de um profissional tradutor intérprete na sala de aula.

CONCLUSÃO

Os alunos com deficiência auditiva incluídos na rede regular de ensino, atendidos ou não em Sala de Apoio e Acompanhamento à Inclusão, apresentam melhor compreensão na leitura de palavras do que na leitura de sentenças. Os dados apontam que não há diferença na compreensão de leitura entre os alunos deficientes auditivos que recebem e não recebem apoio pedagógico especializado.

Constata-se que há poucas informações sobre as especificidades do aluno deficiente auditivo, prejudicando um conhecimento mais detalhado do professor em relação ao histórico do aluno. Os professores sabem pouco sobre a deficiência auditiva, o que dificulta a criação de situações de aprendizagem significativas, menos mecânicas e mais interativas, visando à implementação de ações para a alfabetização e, por consequência, para o desenvolvimento de leitura e compreensão de textos.

REFERÊNCIAS

- Trenche MC, Balieiro CR. Linguagem, escrita, produção de sentidos e a criança surda: questões para a clínica fonoaudiologia. In: Berberian AP, Massi G, de Angelis CM, (org.) *Letramento: referências em saúde e educação*. São Paulo: Plexus; 2006. p. 320-47.
- Cárnio MS. Conceitos e compreensão de leitura do surdo no contexto da educação especial [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas; 1995.
- Uzuner Y. Metacognitive strategies applied during correcting text-related answers of three students with hearing loss. *J Res Spec Educ Needs*. 2008;8(1):47-54.
- Soares AD, Chiari BM. Caracterização da narrativa oral de deficientes auditivos. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2006;11(4):272-8.
- Rios NV, Novaes BC. O processo de inclusão de crianças com deficiência auditiva na escola regular: vivências de professores. *Rev Bras Educ Espec*. 2009;15(1):81-98.
- Garolla LP. A inserção da criança deficiente auditiva no ensino regular: os critérios de avaliação, retenção e aprovação segundo a lei de diretrizes e bases atual. In: *Anais do XV Encontro Internacional de Audiologia*; 2000 Mar 14-17; Bauru, São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2000. p. 140.
- Capovilla FC, Raphael WD. Comunicação, religião e eventos. São Paulo: Edusp; 2005. (Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras; vol 4).
- Capovilla FC, Raphael WD. Educação. São Paulo: Edusp; 2004. (Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras; vol 1).
- Capovilla FC, Raphael WD. Família e relações familiares e casa. São Paulo: Edusp; 2005. (Enciclopédia da língua de sinais brasileira: o mundo do surdo em libras; vol 3).
- Lacerda CB. A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência. *Cad Cedes*. 2006;26(69):163-84.
- Sampaio CS. A presença de uma aluna surda em uma turma de ouvintes: possibilidade de (re)pensar a mesmidade e a diferença no cotidiano escolar. *ET*. 2006;7(2):47-57.
- Andrade MW, Dias MG. Processos que levam à compreensão de textos. *Psicol Estud* 2006;11(1):147-54.
- Chiari BM, Bragatto EL, Nishihata R, Carvalho CA. Perspectivas da atuação fonoaudiológica diante do diagnóstico e prognóstico da surdocegueira. *Distúrb Comun*. 2006;18(3):371-82.
- Costa MC, Chiari BM. Verificação do desempenho de crianças deficientes auditivas oralizadas em teste de vocabulário. *Pro Fono*. 2006;18(2):189-96.
- Crato AN, Cárnio MS. Análise da flexão verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores. *Rev Bras Educ Espec*. 2009;15(2):233-50.
- Farran LK, Lederberg AR, Jackson LA. Maternal input and lexical development: the case of deaf pre-schoolers. *Int J Lang Commun Disord*. 2009;44(2):145-63.
- Worsfold S, Mahon M, Yuen HM, Kennedy C. Narrative skills following early confirmation of permanent childhood hearing impairment. *Dev Med Child Neurol*. 2010;52(10):922-8.
- São Paulo.Prefeitura. Decreto n. 45.415, de 18 de outubro de 2004. Estabelece diretrizes para a política de atendimento a crianças, adolescentes, jovens e adultos com necessidades educacionais especiais no sistema municipal de ensino [Internet]. São Paulo: Secretaria do Governo Municipal; 2004 Out 18 [citado 2011 Jan 22]. 4 p. Disponível em: http://portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Documentos/BibliPed/TextosLegais/LegislacaoEducativa/DecretoMunicipal_45415.pdf
- Cárnio MS, Csipai ES, Couto MI. Relação entre níveis de compreensão e estratégias de leitura utilizadas por surdos sinalizadores em um programa terapêutico. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2010;15(2):206-12.
- Lodi AC. Leitura em segunda língua: um estudo com surdos adultos. In: Berberian AP, Massi G, de Angelis CM, (org.) *Letramento: referências em saúde e educação*. São Paulo: Plexus; 2006. p. 244-73.
- Oakhill JV, Cain K, Bryant PE. The dissociation of word reading and text comprehension: evidence from component skills. *Lang Cogn Process*. 2003;18(4):443-68.
- Trenche MC, Balieiro CR. A escrita e prática fonoaudiológica com crianças surdas/ deficientes auditivas. *Distúrb Comun*. 2004;16(2):175-80.
- Giangiacomo MC, Navas AL. A influência da memória operacional nas habilidades de compreensão de leitura em escolares de 4ª série. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2008;13(1):69-74.
- Stivanin L, Scheuer C. Comparação do tempo de latência entre nomeação e leitura em escolares. *Psicol Estud*. 2008;13(1):89-96.
- Capellini SA, Conrado TL. Desempenho de escolares com e sem dificuldades de aprendizagem de ensino particular em habilidade fonológica, nomeação rápida, leitura e escrita. *Rev CEFAC*. 2009;11(2):183-93.
- Antia SD, Reed S, Kreimeyer KH. Written language of deaf and hard-of-hearing students in public schools. *J Deaf Stud Deaf Educ*. 2005;10(3):244-55.
- Luccas MR. O diagnóstico clínico e sua interface com a educação. *Temas Desenvolv*. 2008;16(95):235-41.
- Fialho VL, Mendes EG, Salgado HM. Avaliando o rendimento escolar de alunos com deficiência auditiva em escolas regulares. *Rev Espaço*. 2002-2003;18-19:93-7.
- Tenor C. A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva dos professores da rede municipal de Botucatu [dissertação]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 2008.
- Lichtig I, Couto MI, Leme VN. Perfil pragmático de crianças surdas em diferentes fases linguísticas. *Rev Soc Bras Fonoaudiol*. 2008;13(3):251-7.